8.º ANO — LISBOA—TERÇA-FEIRA, 13 DE ABRIL DE 1926 — N.º 1538

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOL

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 49
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTA manhã, em face da confissão de Augusto Gomes, o agente Zeferino da Silva dirigiu-se á rua do Amparo, onde prendeu o empregado superior da Companhia «Aliança», sr. Lucrecio Castanheira Nunes—uma das pessoas que havia afirmado á policia ter visto o empresario no Rossio, á hora provavel do crime.

O sr. Castanheira é um rapaz novo, magro, moreno. Frequentava muito as caixas dos teatros.

Quando entrou no Governo Civil, era visivel a sua atrapalhação.

Interrogado por um nosso redactor, declarou:

—No dia seguinte ao crime, Augusto Gomes—de quem era amigo, mas não amigo intimo—encontrou-me e disse-me: «Imagina! Que grande desgraça! E o que vale é que, á hora do crime, varias pessoas me viram no Rossio e na Avenida!». Eu respondi-lhe: «Tem graça! A essa hora, tambem estava por ali e não te vi!». Augusto Gomes, então, pediu-me o seguinte: «Tu é que me podias fazer um favor. O Reis, scenografo, via-me. E outros. Se tu dissesses que me tinhas visto, sempre era mais uma testemunha para se provar que eu nada tenho com o caso».

—E não suspeitou de que ele fôsse o criminoso?

—Juro-lho!

E começou a chorar.

—Fiz, então, á policia, as declarações que já sabe, convencido da inocencia de Augusto Gomes. E só nos ultimos dias é que comecei a duvidar dele.

—Porque não se apresentou á policia?

—Porque tinha vergonha de declarar que mentira, e porque tinha receio de que me prendessem. Resolvi, por isso, aguardar os acontecimentos. Até que esta manhã me foram buscar ao escritorio.

Não lhe tendo sido permitida a passagem para os quartos particulares, o sr. Castanheira foi internado no calabouço 3, onde ficou chorando como uma criança.

* * *

O SR. **Augusto Machado Santos**, irmão do almirante Machado Santos, assassinado na noite tragica de 19 de Outubro, requereu hoje á policia, por escrito, e alegando fundamentos, que Augusto Gomes, assassino de Maria Alves, seja incriminado por participante na morte de seu irmão. Eis os termos do requerimento:

Exm.º Sr. Director da Policia de Investigação Criminal de Lisboa:—Augusto Zeferino d'Azevedo Machado Santos, residente na Rua José Estevão, 14, r/c., casado, empregado no Montepio Geral, requere a V. Ex.ª se digne mandar investigar se Augusto Gomes, actualmente detido como autor do assassinato e roubo da actriz Maria Alves, é tambem autor do roubo da carteira e mais haveres feito no cadaver de seu falecido irmão, o Vice-Almirante Antonio Maria d'Azevedo Machado Santos, e sua conivencia no assassinato, na madrugada de 20 de Outubro de 1921, no Largo do Intendente.

O requerente, requere mais, que seja ouvido o cocheiro que faz estação na Praça Luiz de Camões, por alcunha o «Cambalhotas», o qual transportou o mesmo Augusto Gomes, do Rocio ao Intendente, quando este regressava do Arsenal de Marinha e que levou o cadaver do Vice-Almirante Machado Santos do Intendente á porta da Morgue, onde o lançou por terra.—P. deferimento.

* * *

O CORONEL **Alexandre Malheiro** publicou um livro que os tecnicos declaram de muito valor—*A Invisibilidade das Tropas na Guerra Moderna*.

A edição pertence a Fernandes & C.ª

JUSTIÇA

O crime de que foi vitima a actriz Maria Alves veiu dar uma singular evidencia a este facto—que existe uma Lisboa secreta, uma cidade subterranea, que, entre outras manifestações visiveis, se encarrega de espalhar o terror e de poupar os terroristas.

O seu assassino, além da sua cronica sombria, onde não faltam as manchas de sangue, ramificara-se pelas alfurjas, onde era ouvido e acatado por muitos dos que, em noites de panico, andam pelas ruas a reimplantar a Republica que sonharam.

Houve quem o chamasse cidadão indefectivel e salvaguarda do brio nacional...

Bem sabemos que não são os epitetos que fazem os homens, sobretudo numa terra como a nossa, onde a carencia do sentimento das proporções serve, conforme os casos, para honrar os patifes e deslustrar as pessoas de bem.

Em todo o caso, é graças ao abuso dos adjectivos laudatorios que a marcha ascensional dos mediocres e o exito retumbante dos delinquentes encontram facilidades que poucos paises oferecem.

A leviandade com que nós aceitamos o convivio de criaturas cujo passado, devidamente sacudido, seria de molde a causar-nos cautelas e receios, abre veredas para os individuos que, de tanto andarem a escapar-se pelas malhas dos codigos, descobriram maneira de insinuar-se no meio dos incautos.

Augusto Gomes ha muito tempo que se aproveitava da brandura dos nossos costumes e da comoda desenvoltura com que, hoje, os criminosos se fazem revolucionarios, a fim de brunirem duma ligeira tinta de bravura a sua actividade feroz.

Tinha amigos, aduladores, correligionarios, admiradores, compadres e parasitas — uma pequena côrte formada por basbaques ou amadores suspeitos de coisas macabras que preferem uma anedocta a uma boa acção.

Como sempre acontece em casos tais, Augusto Gomes namorava a sua estrela, na qual confiava tão cegamente que nem se atrevia a desconfiar de que um dia ela empalidecesse.

O dinheiro que lhe entrava na algibeira escapulia-se celeremente para satisfazer apetites imperiosos, mas raramente conducentes a libertá-lo do diabo que o possuia.

Frequentemente, se encontrava sem um chavo.

A adversidade, porém, nunca lhe abatera o animo ardiloso: o dinheiro voltava outra vez a bailar-lhe na palma da mão, como um duende na brancura lunar de uma ruina. Mas os maus dias chegam infalivelmente, implacavelmente...

Maria Alves, que fôra um dos seus pecados mortais, passou a ser a tentação fatal da sua fome.

Que podia ela dar-lhe, alem do seu corpo?

Que representava esta mulher para a sua alucinação de *bete de proie*, em busca de uma caverna e de um rouco estertor?

Esperamos que a justiça apure se Augusto Gomes matou para varrer uma afronta, ou se quiz fazer da sua amante o ultimo negocio feliz do seu comercio de aventuras e torpezas.

As multidões interessam-se morbidamente pelos criminosos, pondo-lhes uma aureola na cabeça, enquanto reservam para as suas vitimas uma banal coroa de espinhos.

Se se provar que foi o ciume, e não a cubiça que o levou ao crime, uma lenda simpatica absolve-lo-ha, erguendo-o até á adoração dos corações corrompidos.

O Sindicato dos Profissionais da Imprensa reune-se hoje, em assembleia magna da classe, para apreciar o decreto ultimamente publicado, que torna extensivo o uso da carteira a todos os amadores de jornalismo, até mesmo áqueles que não são remunerados. Este decreto vem prejudicar os autenticos profissionais da imprensa nos privilegios que tão legitimamente lhes tinham sido concedidos e que com tanto custo foram alcançados. Com uma simples assinatura, dando força de lei a um decreto que desagrada a todos os trabalhadores da imprensa, o chefe do governo conseguiu criar um conflito entre o poder executivo e a classe a quem esse poder mais beneficios deve. Não nos referimos já a uma possivel desinteligencia entre as emprezas e os jornalistas, porque essa desinteligencia não existe. As emprezas pretendem para todo o seu pessoal um passe de livre transito. O Sindicato não se opõe, antes defende a concessão desse passe; o que nunca pode defender, porque é um privilegio só concedido a profissionais da imprensa, é o uso da carteira tornado extensivo a «tutti-quanti» neste paiz se queira fazer passar por jornalista.

Esta é a doutrina defendida por um manifesto subscrito pela direcção do Sindicato, manifesto que foi hoje largamente distribuido em Lisboa.

* * *

O BANQUETE do «Rotary Club» de Lisboa, realisado ontem á noite, no Café Tavares, foi uma bela festa de cordealidade, sublinhada pela animação crescente do espirito que a inspirou—fraternal, generoso e eloquente.

As lutas que dividem os homens não se fizeram representar. Só as simpatias que os aproximam estiveram presentes.

Ao «champagne», proferiram se discursos: não houve uma só palavra que obedecesse ao proposito vesgo de ferir ou molestar.

Os srs. James Roth, drs. João Ulrich, Mario Chagas, Azevedo Neves, Nobre de Melo, Mario Tavares de Carvalho, conselheiro Fernando de Sousa e Bento Carqueja, bem como os srs. Echandia e Bascones souberam apelar para os sentimentos mais nobres que moram no peito humano.

* * *

A SESSÃO de hoje na Camara dos Deputados decorreu sem interesse.

No periodo antes da ordem do dia foi tratado o negocio urgente do sr. Jorge Nunes, a proposito dos titulos de engenheiro agricola e engenheiro agronomo, tendo usado da palavra os srs. Sousa da Camara e Rosado da Fonseca.

Na ordem do dia prosseguiu a discussão do caso dos Tabacos.

* * *

O DIRECTORIO do P. R. R., na sua reunião de ontem, ocupou-se da questão dos tabacos, tendo tomado resoluções que breve virão a publico.

* * *

FLEXA Ribeiro, num largo estudo que consagrou a Camilo, publicado em *O Paiz*, do Rio de Janeiro, escreve, [illegible] sas interessantes, [illegible]

* * *

O «JUNKERS», que parte no sabado para Sevilha, realiza ámanhã, e quando isso fôr possivel, vôos sôbre Lisboa, com as pessoas inscritas para esse fim.

Pelo «sport»

HIPISMO

As corridas de cavalos

Todas as manhãs, no hipodromo do Jockey Club, no Campo Grande, se realizam treinos dos cavalos que hão-de tomar parte nas corridas que se inauguram no domingo 18 e que vão colocar em concorrencia animais que, segundo tudo garante, se hão de oferecer durissimos combates.

Citemos primeiro a famosa coudelaria do sr. conde de Sobral que ha dezenas de anos vem sendo apurada com extremos de carinho e que é, principalmente, de cruzados de puro sangue inglês, mas tem tambem igual de puro sangue, como a «Lazarine», «La Menor» e «La Maior» que o sr. Eurico Morais adquiriu no Brasil. Tambem possue bons reprodutores de puro sangue inglês, apontando se, entre outros, o «Queer Fish», o «Elkington», o «Quevedo» e «L'Empereur», todos cavalos nascidos em Inglaterra, especialmente o ultimo que é duma origem excelente, pois é filho do «Lemberg» que ganhou o Derby d'Epsom e cêrca de 44 000 libras de premios, sendo a mãe avó do celebre «Tetrarch». Nos ultimos anos, tanto na Marinha como em Lisboa, a caudelaria do sr. conde de Sobral ganhou numerosos premios e, agora, leva ao hipodromo do Campo Grande um grupo de cavalos bons e bem preparados pelo «sportman» sr. Luís Margaride.

Tivemos ocasião de vêr na pista a egua «Esguia», que tão bem correu o ano passado, optima de condição e muito melhorada; a «Espirita», tambem magnifica. Do lote do sr. conde de Sobral, em que figuram um animal de trez anos, outro de quatro, e o «Simar», em meio sangue arabe, o que mais impressão nos fez foi a «Babounna II», egua importada pelo sr. visconde de Cabrela que correrá na categoria dos arabes.

Outras caudelarias como as dos srs. Santos Jorge, Conde de Pinhel, Jorge Ornelas de Matos, Duque de Palmela, Rui d'Orey, etc., apresentam excelentes animais que vão dar muito que fazer aos adversarios.

AS ESTREIAS DO FOZ

No Foz estreou-se ontem, com enorme sucesso, um novo quadro de conjunto, intitulado «Banhistas», interpretado pela actriz Dora Vieira e pelas seis «Foz-Girls».

Chérie Valentine, a admiravel bailarina mexicana, que no seu país, nos Estados-Unidos, em Cuba, em Inglaterra, em Italia, em Espanha e, recentemente, em Paris, impôs a sua arte incomparavel, é sempre entusiasticamente aplaudida, bem como as bailarinas inglesas «The Ray Sisters», a «coupletista» Carmencita Alvez e o bailarino espanhol Becerra, e o episodio regional, musicado, «Ninguem se conhece...».

¿QUEREIS COMPRAR EM CONTA?
OURO, PRATA OU BRILHANTES
PROPRIOS PARA BRINDES
CONFRONTEM OS NOSSOS PREÇOS
OURIVESARIA
PRAÇA LUIZ DE CAMÕES, 40

Aos pais dos alunos do Liceu Gil Vicente
EX-PROFESSOR DESTE LICEU, recebe alunos de todas as classes, para explicações.
Habilita para exames em Julho e Outubro.
Campo de Santa Clara, 111, 1.º-Esq.
(Em frente do Liceu)

TAPETES DE [illegible]
Recomendam-se pela sua origem, preço e gosto.
Grande sortido no deposito da
RUA IVENS, 30 Telefone C. 4194

Espirita
tudo consegue rapido trata com seriedade.
Rua do Sol ao Rato, 215, 3.º

Dr. Medeiros d'Almeida
Cirurgião dos hospitais
Doenças dos olhos — Cirurgia
Consultorio: Av. Liberdade 121 1.º-ás 3 h.-Telef. 908 N
Policlinica: L. Conde Barão, 12, 2.º-ás 5 h.-Tele 1902-C.

NAVEGAÇÃO PARA O BRASIL

A COLONIA portuguesa está disposta a colaborar no ressurgimento economico do nosso paiz

Ha uma politica comercial com o Brasil a defender e a encaminhar. Quem se propõe realizar esse intento? A *Patria Portuguesa*, do Rio de Janeiro, que vai transformar-se em jornal diario, alargando a sua esfera de acção a todos os problemas que interessam o Brasil e Portugal.

Em Lisboa encontra-se o sr. E. Sotto Mayor, um dos mais distintos elementos daquele semanario português, que nos declarou o seguinte:

—O nosso programa é mais vasto do que isso, mas mais modesto. Defender e auxiliar, sim; encaminhar, talvez, mas não no sentido de orientar — o que a nós não compete —, porém no de propagar essa politica entre a nossa grande colonia no Brasil, os negociantes, industriais e exportadores de Portugal e aqueles que pódem resolver os varios aspectos do problema que essa politica encerra.

—E que são a seu vêr...

—Além dos dois que o *Diario de Lisboa* tem debatido — Navegação e Emigração — mais estes: Intercambio Comercial, zona franca do porto de Lisboa, bancos de exportação e warrantagem de mercadorias brasileiras.

—Mas nao acha que a solução, assim, se complica?

—Não, eu entendo que se facilita. Aliás, esta formula não é posta por nós, simples jornalistas, mas por quem, dedicando-se aos assuntos economicos com o nobre sentido de ser util ao seu país, tem estudado o problema no que se refere ao Brasil, em todas estas modalidades. Com tanta nitidez assim o abrange o grande estadista que é hoje o supremo magistrado do nosso país que, já em 1914, não podendo tornar exequivel a lei de Junho de 1913 que estabelecia o porto franco de Lisboa, criava a zona franca para os produtos brasileiros e decretava uma subvenção de 300 contos para uma companhia de navegação portuguesa para o Brasil.

E o sr. Sotto Mayor prossegue:

—Já existe o intercambio; é preciso apenas intensificá-lo. Temos emigração não pequena; torna-se necessario valorisá-la, seleccionando-a, e aproveitá-la, orientando-a. Zona franca — está criada desde Agosto de 1914 para os produtos do Brasil; basta tão sómente melhorá-la e aperfeiçoá-la. Bancos de Exportação — certamente não faltará quem os organise desde que haja mercadorias para «warrantar» e não faltarão mercadorias desde que haja segurança de negociar «warrants». Como vê, resta, verdadeiramente o factor principal — carreira de navegação. E' ela impossivel? Não. Temos tudo. E' só questão de se disporem a isso o sr. ministro dos Estrangeiros, que nós sabemos estar pensando muito a sério na parte do problema que lhe diz respeito — pois foi ele proprio quem no-lo afirmou ha dias — e o sr. ministro do Comercio, com quem ainda não tivemos oportunidade de falar, mas que certo acompanhará com todo o interesse a boa vontade do seu colega na solução de tão importante assunto.

—E com que elementos poderão contar esses ministros?

—Com o patriotismo tantas vezes comprovado da colonia portuguesa no Brasil e que uma vez chamada a colaborar no ressurgimento economico do nosso país — apesar do abandono a que a tem votado uma grande parte dos nossos homens publicos — correrá pressurosa ao apêlo com o fervoroso jubilo de ser util á sua Patria e movida pelo orgulho e pela ansia de ver tremular nos mastros dos navios que entrem em portos do Brasil o simbolo querido de Portugal.

«Demais, é preciso frizar: a garantia de exito duma linha de navegação para aquele país está, não só em que seja dirigida por grande maioria de capitalistas e negociantes portugueses ali domiciliados, como que nela sejam interessados o maior numero de comerciantes portugueses e brasileiros de lá e de cá, já pela questão de capital, já para que lhe esteja sempre assegurada a carga que produz os fretes. Com estes e com o transporte de emigrantes e retornos da emigração, depois de um entendimento com o governo, facil é manter a carreira com lucros e sem encargos para o Estado.

«E para que essa cooperação da colonia se efective, basta que o governo a peça por intermedio do nosso Embaixador ou do nosso Consul Geral no Rio de Janeiro.

—Crê que seja assim tão facil?

—Já está dado o exemplo. O ano passado, o dr. Sampaio Garrido, mesmo sem o caracter oficial que tão amplamente lhe teria permitido tratar do caso, conseguiu dispôr os capitalistas portugueses no Rio, tendo á frente o sr. Zeferino de Oliveira, a organizarem a carreira de navegação. Na noite em que na Camara Portuguesa de Comercio este grande capitalista ia fazer correr a subscrição de accionistas, abrindo-a ele proprio com 1.000 contos (mil contos brasileiros), surgiu um exagente dos T. M. do E., que tinha assistido silencioso ás primeiras reuniões preliminares, a declarar que estava organizada em Lisboa uma Companhia de Navegação que tinha os mesmos intuitos e para a qual já estava ele nomeado agente; que essa Empreza já tinha direcção eleita e que um seu representante ia ao Brasil procurar os capitais que lhe faltavam. E' escusado dizer o que se passou... Os Boletins daquela Camara, dos primeiros meses de 1925, publicam as actas que elucidam sobre os motivos porque a ultima fez naufragar a primeira.

—E a *Patria Portuguesa* nesse momento em nada poude auxiliar?

—Estavamos com poucos dias de vida. A nossa difusão era ainda pequena; nem opinião podiamos formar. Hoje com 25.000 exemplares de tiragem e mais de 50 mil portugueses que nos lêem, já poderiamos fazer alguma coisa, mas não ainda o que desejamos. Como sabe, hoje nada se faz sem grande e intensa propaganda. Para estes assuntos, como para o resto do nosso programa, toda a propaganda é pouca. Para que ela seja eficiente, necessitamos estabelecer um contacto permanente entre todos os portugueses que trabalham no Brasil e os que cá estão. Só um grande orgão diario, exclusivamente português poderá e saberá defender os interesses da colonia e do nosso país, dando a conhecer pela descrição e pela fotografia o que sômos, o que podemos e o que valemos, sem que esta publicidade e esta defeza custem ao Estado centenas ou milhares de contos...

A POMPADOUR
28 — CHIADO — 30
Nos modelos e novidades com que inaugurou a nova exposição de ESPARTILHOS E CINTAS para a presente estação, mais uma vez provou que é ela a casa onde as damas elegantes encontram o que ha de mais perfeito, original e requintado gosto.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as sr.as:

D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), D. Maria do Carmo da Cunha Correia de Sampaio (Castelo Novo), D. Maria Antonia Perestrelo Guimarães, D. Maria Luísa Nunes Coelho e D. Maria Luísa Caldeira da Fonseca Ribeiro e Sousa.

E os srs.:

D. Luís de Lancastre (Alcaçovas), D. Gonçalo de Lancastre (Alcaçovas), Domingos Pinto Coelho Guedes (Simaens), Delfim Oscar de Matos Amaral e Armando Lemos de Matos.

—Faz hoje anos a sr.a D. Clotilde Ferreira do Amaral de Figueiredo, esposa do nosso querido amigo sr. Fausto de Figueiredo.

A caridade

Em S. Carlos

Damos, em seguida, o interessante e sensacional programa da elegante recita de caridade, a primeira dêste inverno, que se realiza amanhã, no teatro de S. Carlos, a qual abrirá por uma palestra pelo ilustre deputado da minoria monarquica sr. dr. Pinheiro Torres, e composto da representação da comedia francesa «Pierrot enchanté», que terminará com lindos bailados: dos quadros vivos «Quadro Oriental», «Milagre das rosas» (alusivo á Rainha Santa) e «Parcifal»: das fabulas animadas, scenas mimicas, coros com acompanhamento de guitarras, a canção «La Violetera» e o «Bailado das horas» da opera «Gioconda», estando o desempenho a cargo dum gracioso grupo de crianças pertencente á nossa primeira sociedade.

Depois do espectaculo haverá, no salão de entrada, baile, que será abrilhantado por um eximio sexteto «jazz-band», dando os bilhetes do espectaculo entrada no baile.

A entrega dos bilhetes marcados far-se-ha hoje e amanhã, no camaroteiro do teatro, das 3 ás 6 da tarde.

No Tivoli

A interessante conferencia que o ilustre professor e brilhante critico sr. dr. Manuel de Sousa Pinto fará na elegante «matinée» de caridade, que no proximo sabado se realisa no Tivoli, levada a efeito por uma comissão de senhoras a favor do fundo para a construção da casa para a Sopa dos Pobres de S. Sebastião da Pedreira, sob o tema «A Dança, Prazer e Arte», será acompanhada de demonstrações coreograficas por um gentil grupo de bailarinas, que actualmente estão fazendo grande sucesso em um dos nossos teatros de revista, e de projecções animadas.

«El Chico de las Pañuelas»

De dia para dia vai aumentando o interesse pela sensacional recita de caridade que no fim do corrente mez ou principio de maio se realisará no teatro de S. Luiz, na qual será representada, por distintos amadores pertencentes á nossa primeira sociedade, a engraçada e finissima zarzuela chica «El Chico de las Pañuelas», na qual o brilhante amador sr. Antonio Paes de Sande e Castro desempenha o protagonista.

Os bilhetes para este espectaculo devem ser requisitados para casa da sr.a D. Eugenia Machado Ribeiro Ferreira, rua Barata Salgueiro, 28, telefone Norte 569, da 1 ás 3 da tarde.

Noites de arte

No Trindade

O primeiro dia de assinatura para as cinco recitas que vem dar a este teatro a magnifica companhia da celebre «vedeta» Charlette Lysés, todas com peças diferentes, excedeu toda a nossa espectativa, sendo porianto de perver que ela atinja avultado numero. A preferencia dos assinantes da companhia Velasco, termina invariavelmente amanhã, começando no dia seguinte assinatura livre.

Todos os assinantes desta companhia terão perferencia para as recitas da notavel companhia do grande actor generico espanhol Ernesto Wilches, e da companhia de revistas «Ba-Ta-Clan».

Em viagem

Da sua casa de Coimbra, partiram para a de Molelos, com seus filhos, os srs. condes de Felgueiras.

—Para Paris, onde vai assistir ao Congresso Internacional Hoteleiro e de Turismo, parte dentro de alguns dias, o sr. José Manuel Soleiro, director do Hotel Metropole.

—Brevemente parte para Roma, onde vai representar a Universidade de Lisboa, no Congresso Internacional de Educação Moral, o ilustre professor sr. Matos Romão.

Doentes

Com muito prazer registamos encontrar-se já completamente restabelecido da operação a que se sujeitou, o ilustre almirante sr. D. Bernardo da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela).

A EXPOSIÇÃO
de retratos «Carvão» e outros generos de photographia artistica provam bem que é a Photogsaphia Brasil a melhor casa do seu genero em Lisboa.
Rua da Escola Politecnica, 141

TEATRO SÃO LUIZ
Empreza A. Remos, Limitada
Tel C. 224
COMPANHIA ARMANDO DE VASCONCELLOS
de que faz parte
Auzenda de Oliveira
Unica Companhia de Opereta
Espectaculo sensacional de
Graça, Beleza, Luxo e Alegria
A celebre opereta de grande sucesso
Roma Galante
NOTAVEL CONJUNTO DE DESEMPENHO
Modernissima «m-se-en-scène» de
ARMANDO DE VASCONCELOS

Elegancia

As cintas e os espartilhos desta marca manteem a estética do corpo e formam a linha gracil e elegante da moda.

Estão á venda nestes dois estabelecimentos:

A POMPADOUR
R. Garrett, 28-30
LISBOA

ARMAZENS DA CAPELA
R. das Carmelitas, 70-76 — PORTO

POLICLINICA DA ESTRELA

Rua Domingos Sequeira, J. M., nº—LISBOA
Telefone Trindade-202

D. dos rins e vias urinarias, ás 10,30 horas—**Dr. Antunes Prior.**
Clinica cirugica — Operações, ás 16,30 horas—**Dr. Bastos Gonçalves.**
Ouvidos, nariz e garganta, ás 9,30 horas — **Dr. Carlos Larroudé.**
Sifilis e doenças venereas, ás 11 horas — **Dr. Carmo dos Santos.**
Clinica medica, coração e pulmões, ás 16 horas — **Dr. Drummond Borges.**
D. das gravidas, puerperas, utero e anexos — Doenças das crianças, ás 12 horas — **Dr. José Bonito.**
Estoma, figado e intestinos — D. da nutrição (diabetes) gota, obsesidade), ás 14 horas. — **Dr. Luiz Quintela.**
Clinica geral, ás 14 horas — **Dr. Manuel d'Assumpção.**
Doenças da pele e venerologia, ás 13,30 horas — **Dr. Caeiro Carrasco.**
Analises clinicas — Vacinas, ás 13 horas — **Dr. Marques Manaças.**
Doenças dos olhos, ás 9,30 horas —**Dr. Sertorio Senna.**
D. da boca e dentes — Prótese, 12,30 horas. — **Dr. Virgilio Xavier.**
Raios X — Radioterápia, ás 16 horas — **Dr. Aleu Saldanha Cruz.**
D. Nervosas e Mentais — Electroterapia, ás 16 horas — **Dr. Luiz Pacheco,**
Ortopedia — Massagem — Gimnastica medica, ás 15 horas — **Dr. Salazar Carreira.**

POLICLINICA DO ROCIO

Largo do Camões 19 (ao Rocio)-Tel. Norte 3747

Dr. Alberto Amado . . Boca e dentes, 10 h.
Dr. A. Pina Junior . . Clinica geral e doenças das crianças — 13 h.
Dr. Camossa Saldanha Rins e vias urinarias — 11 horas.
Dr. Cancella d'Abreu . Medicina geral, doenças nervesas — 15 h.
Dr. Cordeiro Lobato. . Garganta, nariz e ouvidos — 13 h.
Dr. F. Martins Pereira Medicina geral, coração e pulmões — 15 e 1/2 h.
Dr. Henrique Roquette Olhos — 15 h.
Dr. Luiz Ottolini . . . Cirurgia, doenças das senhoras e partos — 14 e 1/2 h.
Dr. Jorge Falcão . . . Pele e sifilis — 14 e 1/2 h.
Dr. Gentil Branco . . . Raios X.

O TAXI LE ZEBRE

DA COOPERATIVA «A LUZITANA»
E' O REI DOS TAXIS

Preferido sempre pela sua comodidade e elegancia. Apezar de ser o mais luxuoso, a sua tabela é a minima, aprovada pela C. M. L.

Pedidos ao telefone N. 3616

DR. ARMANDO NARCISO

Medicina, tuberculose e sifilis

Travessa Nova de S. Domingos, 9, 1.º
(A' Rua do Amparo)—Telf. 5205 N.

POLICLINICA DO INTENDENTE

ALMIRANTE REIS, 27, 2.º
Telefone N.º 2989-N.

Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 17.
Dr. Armando Formigal Lazeo—Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 15.
Dr. Fernando Fonseca—Sifilis e doenças da nutrição (diabetes, gota, obesidade), ás 16.
Dr. Formigal Lazeo—Massagens, gymnastica, banhos de luz (Sol das altitudes), mecanotherapia, electrotherapia (diathermia), etc.)
Dr. Mario Bosa—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas, ás 14.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 14.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações ás 16.

CRONICA

A mulher

DE LETRAS

profissional

e a mulher de letras

que escreve por "coqueterie„

Ha uma grande divergencia nas mulheres de letras, que vão sendo cada vez mais numerosas. Ha a mulher de letras profissional, que nó livro e no jornalimo, com mais ou menos capacidade, com mais ou menos talento, faz das suas aptidões literarias um oficio e procura ganhar a sua vida e fixar a sua personalidade; ha a mulher de letras amadora, que escreve por distracção ou por *coquetterie*, que tem um salão ou que frequenta os salões alheios, que cultiva a literatura como um *sport* intelectual, lendo, conversando e escrevendo profusamente; ha a mulher de letras rica, para quem a literatura é uma elegancia a juntar a outras elegancias e que facilmente se celebrisa e impõe na sociedade.

Qualquer destas mulheres, é claro, póde ser talentosa, inteligente, culta, ou póde não o ser. Nem sempre a mulher de letras tem as qualidades intelectuais indicadas, e ha muitas mulheres que *não são de letras*, nem pretendem sê-lo, e possuem inteligencia e cultura superiores e espirito finamente observador.

E' um bem, que as mulheres de letras vão sendo cada vez mais numerosas? não creio. A mulher culta, com consciencia dos seus deveres e da sua personalidade é necessaria na sociedade actual, em que a luta pela vida se torna cada vez mais aspera, mas a mulher de letras deve conservar-se sempre uma excepção, pois que mesmo o homem de letras o é. Uma sociedade composta exclusivamente de homens e mulheres de letras seria terrivel e muito pratica.

A mulher de letras não é, geralmente, um ente feliz. Se conserva a sensibilidade do espirito feminino ligada ao desenvolvimento da inteligencia, quantas maguas disso lhe provêm!... Depois, a mulher deve ser, por condição, obediente — ao pai, ao marido e até ao filho, quando este se torna um homem — e a mulher de letras cria uma independencia de pensamento, que só um homem muito superior consegue dominar.

A mulher vulgar, se é bonita, graciosa, elegante, tem, quasi sempre, mais encanto que a mulher de letras. A mulher de letras, se o é verdadeiramente, pela vocação, pelo talento, pelas amarguras da vida, que são tão grandes factores, torna-se uma especie de freira laica, um pouco indiferente á sua pessoa, um pouco indiferente ao mundo, absorta numa ideia profunda, ou num profundo sentimento, trabalhando, meditando, sofrendo.

Não — quasi nunca é invejavel o destino da mulher de lertras. Se se torna mãe de familia é necessario que as letras — a não ser as que ensine aos filhos — passem para um plano muito secundario e o marido, os filhos e a casa estejam em primeiro logar. Não quero dizer que uma medica, uma dactilografa, uma caixeira, não estejam em iguais condições, relativamente á familia e ao lar e por isso mesmo é certo, que o ideal, para a familia, é que o homem ganhe ou possua o bastante para ser ele que mantenha os seus, e a mulher o ajude apenas — e póde ajudá-lo muito! — no campo restricto e imenso da casa.

A mulher que, não sendo rica, cuide da casa e das roupas, faça o seu fato e o dos filhos, seja educada e economica, zele a dispensa, forneça alimentação sádia á familia, dê conforto á casa, e equilibre o orçamento, — faz um trabalho colossal!...

Pouco interessante, talvez, dirão— mas muito feminino, muito proprio, muito digno.

Se a mulher não o fizer, quem o ha-de fazer? Se esse trabalho começa a dividir-se mercenariamente, acaba-se o lar e a familia. E' forçoso que esse trabalho seja feito pela mulher se é pobre, ou presidido e dirigido por ela se é rica. Só assim a casa tem alma e graça e encanto.

A mulher de letras póde fazer tudo isto? Póde, sem duvida, sacrificando, tanto quanto seja preciso, a literatura.

A mulher de letras amadora, geralmente, despreza a agulha, dôce e calmante companheira de horas longas, que o seu labôr abrevia, — a mulher de letras profissional tem, muitas vezes, saudades da agulha, que lhe repousaria o pensamento, e que outros trabalhos imperiosos e absorventes lhe obrigam a abandonar.

A mulher da sociedade e a mulher frivola descuram o seu lar por outras coisas sem importancia, menos valiosas e menos meritorias que as letras?... E certo e têm, sem duvida, ainda menos desculpa.

A literatura ou a arte explica-se pelo talento que se tem ou se julga ter, e é ainda uma explicação nobre, um fim justificavel. As frivolas distracções mundanas, embora tenham o seu logar na vida, nada justifica que nos levem a sacrificar afectos ou deveres.

Parece-me util, na época que vamos atravessando, que a mulher especialise as suas aptidões e possa, numa brusca transição de vida, — e tantas ha, na sociedade actual! — ser professora, ou pintora, musica ou bordadora, modista ou secretaria, governanta ou mulher de letras, mas nunca mulher de letras *por força*, sem vocação nem facilidade, julgando, ilusivamente, que só nesse campo se encontram triunfos, e nunca, tambem, abandonando o lar sem necessidade absoluta, para ganhar fóra, em contacto com as rudezas deprimentes da vida, o que economisaria ficando em casa, com o seu trabalho domestico e a sua vigilancia.

A mulher de letras póde ser interessante, póde ser util, póde ser delicada, superior, gloriosa, — mas do que nós precisamos, principalmente — como mais ou menos letras — é da mulher de familia, com todas as suas virtudes, com toda a sua abnegação, com toda a sua bondade, sabendo dirigir o lar, educar os filhos e crear uma renascença de moralidade e de paz.

MARIA DE CARVALHO

FIXEM BEM

UNICO, com deposito de todas as qualidades de fazendas de lã, **que vende directamente da Fabrica ao publico**, é o **FABRICANTE DONAS** *na Praça dos Restauradores, 13, 1.º, D. (canto).* Não tem mais depositos nesta cidade. **Manda encommendas ao domicilio e previnola, sem encargo algum para o cliente,** as quais devem ser pedidas exclusivamente para os *Restauradores, 13, 1.º, LISBOA.*

Estambres, Gabardinas, Mesclas, Cheviotes Azues e Pretos nas melhores qualidades
Tem alfaiataria anexa ao deposito, dirigida por habil alfaiate
Fatos em 24 horas. Vestidos Tailleur. **Não confundir: RESTAURADORES, 13, 1.º D. (canto pegado ao Hotel Avenida Palace).**—Telefone N. 3300—DEPOSITO NO PORTO, Avenida dos Aliados, 1.

CINEMA CONDES—HOJE 3.ª FEIRA

Matinée elegante ás 15—Soirée ás 20,30 horas
Estreia da sensacional série d'aventuras
OS LOBOS DO NORTE
espantosas aventuras no Alaska com Edith Johnson e o grande artista **Willian Duncan**
Hoje—1.º, 2.º e 3.º episodios—6 actos

Em pleno sucesso a farça em 3 actos
CHARLOT VAGABUNDO
pelo genial Charlie Chaplin
A pedido geral, mais uma exibição do colossal super-film em 10 actos
NOSSA SENHORA DE PARIS
de Victor Hugo com LONCHANEY
REVISTA MUNDIAL 311

Policlinica
DA
RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º
Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões—**Dr. Armando Narciso**—5 h.
Cirurgia geral, operações—**Dr. Bernardo Vilar**—4 h.
Rins, vias urinarias—**Dr. Miguel Magalhães**—10 h.
Pele e sifilis—**Dr. Correia de Figueiredo**—12 e 5 h.
Doenças nervosas, electroterapia—**Dr. R. Loff**—2 h.
Doenças dos olhos—**Dr. Mario de Mattos**—2 h.
Garganta, nariz e ouvidos—**Dr. Mario Oliveira**—12 h.
Estomago e intestinos—**Dr. Mendes Bello**—3 h.
Doenças das senhoras—**Dr. Emilio Paiva**—2 h.
Doenças das creanças—**Dr. Filipe Manso**—12 h.
Tratamento da diabetes—**Dr. Ernesto Roma**—5 h.
Boca e dentes—**Dr. Armando Lima**—10 h.
Cancro e radio—**Dr. Cabral de Melo**—4 h.
Analises clinicas—**D. Gabriela Beato**—4 h.

PIANOS

e
Autopianos
Rolos
Musicas
Gramofones — Discos

CASA OLIVEIRA — Rocio, 56, 57, 58

CIMENTO
«AUDAZ» e «TENAZ»
Qualidade garantida para trabalhos de responsabilidade
UNICOS DEPOSITARIOS
Mello da Silva, Limitada
Rua Nova de Almada, 24-2.º D.
LISBOA
Telefone C. 587 Telegramas: Melloseque

HUMAGSOLAN

O ALIMENTO DOS CABELOS

Não é um produto vulgar mas um preparado scientifico, descoberto pelo professor Zuntz, um grande sabio alemão.

A calvicie é um sintoma de que faltam ao cabelo as suas substancias nutritivas em resultado de doenças ou por fraqueza organica.

HUMAGSOLAN

O ALIMENTO DOS CABELOS

Introduz no organismo, sem perturbações digestivas, as proteinas e outros alimentos que faltam ao cabelo fraco.

A venda nas boas farmacias e drogarias

AGENTES: Wirgea & Simões, Lda. R. Antonio Maria Cardoso, 23—LISBOA—Telef. 1186 C.

Sortes gran[illegible]?
só o PINA as [illegible]
75 — Rua de S. Paulo — 77

DESVENDOU

O EMPREZARIO

confessou esta m

QUE EST

A ACTRIZ

O ASS

disse

a um redactor

— «Espero qu
a minha inoce
honra ilibada
a pes

Está, finalmente, desvendado o misterio da rua Francisco Foreiro. Está descoberto o criminoso. Está confessado o crime. Está descrito em pormenores, quasi definitivos, o drama de que foi vitima a infortunada actriz Maria Alves.

Acertaram aqueles que aventaram, inteligentemente, a hipotese do automovel. Não falhou o palpite de instinto da opinião publica.

Augusto Gomes é o criminoso confesso. Um criminoso da peor especie; um comediante da mais alta envergadura. O seu cinismo excede as marcas em crimes desta natureza.

Seguem as nossas notas de reportagem e uma pequena retrospectiva, que só tem interesse para confirmar o cinismo do matador:

Antes de entrarmos na reportagem sensacional de hoje...

Ha três dias, justamente no sabado ás 6 horas da tarde, um redactor do *Diario de Lisboa* teve na esquadra de Santa Marta uma longa conversa com Augusto Gomes—um interrogatorio formal que durou mais de 2 horas—, em seguida a um interrogatorio dos juizes, que durára outras tantas, e depois do que lhe foi levantada a incomunicabilidade.

O jornalista, após a conversa, saiu do gabinete do Comissario de Policia convencido de que... Gomes não era o assassino. Não sabemos se aos juizes assistia a mesma convicção. Talvez não! Mas ao redactor isso sucedeu, e ele dá a mão á palmatoria.

Simplesmente se lhe revelou o bom senso de não publicar uma linha, dessa conversa que daria três paginas.

A conversa sêca, sem comentarios, seria naturalmente a defesa de um homem, apontado como criminoso. O jornalista não tinha o direito de comprometer, com impressões tiradas da sua conversa com um bandido de marca, a posição imparcial e digna de um jornal como este.

Augusto Gomes é um comediante de estôfo; um cinico de classe. Bem avisado, ainda pelo instinto profissional, voluntariamente andou o nosso camarada.

Mas hoje—que o crime está descoberto—apenas para indicar as sinistras qualidades de dissimulação e cinismo do assassino, damos alguns topicos dessa conversa, e por ela vê o leitor diante de si a figura sinistramente histrionica desse homem, que não tendo hesitado em ir ao funeral da sua vitima, teve em 13 dias tempo de sobra para adquirir firmeza na defensiva, e iludir pessoas, já colocadas de «pé atrás», mas sofrendo da terrivel virtude da boa fé.

* * *

Augusto Gomes, barba crescida de dois dias, sem camisa, uma camisola vulgar vestindo-lhe o corpo, penteado, olhos brilhantes mas calmos, frases serenas, pensamento firme —acabára de jurar, em lagrimas, aos juizes, que não fôra o assassino:

—Se eu fosse o assassino já tinha confessado e acabava-se a comedia. Mas não fui! Se tivesse sido, tinha-me liquidado logo ali, tambem!...

Sentamo-nos, o jornalista na cadeira do chefe da policia, ele num banco. E ele iniciou:

—Todas as aparencias são contra mim! Eu bem o sinto! E eu confesso que tenho um passado que justifica a opinião dos meus calumniadores. Mas não fui eu quem matou a pobre Maria. E muita coisa, mesmo que se diz do meu passado, não está certa.

Contou a historia da sua primeira mulher, Virginia de Jesus, com pormenores que não são de reproduzir. Uma infecção purulenta, consequencia de um aborto que ela provocou, por não querer ter um filho. (Esta Virginia teve nove filhos, todos mortos em pequenos, por «efeito de intoxicação numa fabrica onde viviam» — explica).

O seu segundo casamento, ha 15 anos, com a mulher de quem não está ainda divorciado, que vive cêrca de Vila Nova de Ourem—diz—foi um capricho, resolvido em dois mezes, para transtornar o casamento dela com um rapaz que o impediu de casar (por ele ser maçon) com uma rapariga de quem muito gostava.

—Um capricho?

—Sim...

—E a Piedade?

A Piedade, como é publico, é apontada como morta por ele com um pontapé no ventre.

—Não; são os meus caluniadores que dizem isso. Morreu de um ataque de albumina, fulminante...

E citou o testemunho do medico sr. dr. Tudela de Castro, que falou com ela um quarto de hora, antes de ela morrer.

—Mas isto é o meu passado... E' suspeito, é, lá isso é. Mas os malandros dos meus inimigos fantasiam-no...

Nós cortamos:

—Vamos ao crime. Carlos Santos confessou tudo...

—O quê?

—Está preso.

—Preso! (e ri ás gargalhadas sinceras). A policia está doida! E' com estas e outras que ela perde e pista dos gravateiros. Carlos Santos estava no Porto. Chegou a Lisboa parece-me que... deixe-me ver... segunda feira, ou sabado seguinte ao crime. O Carlos Santos! Ora a policia! Pois se ele esteve no Porto a falar com a familia de Maria, coitadinha! Se ele aqui me contou a impressão causada no Porto pelo crime. E olhe...

Com a maior serenidade:

—A impressão no Porto contra mim, provêm do facto lamentavel de os jornais de Lisboa me terem atribuido a acusação contra o Carlos Alves. Eu nunca acusei o Carlos Alves; é um «D. Juan, um atrevido», mas lá assassino não acredito, nem é possivel. Isso não...

—Você acredita que a Maria Alves o tivesse atraiçoado?

—A mim?... Não. Ela contava-me tudo. Foi ela que me poz a par das «investidas» do Carlos Alves. Coitada, da Maria! Não acredito.

—Mas...

—Gabarolices dos do Porto.

—Mas diz se que você declarou que...

—Que se estivesse convencido que ela me tinha enganado a matava. Sim! Mas matava-me tambem a mim. Olhe, sr. jornalista: eu fiz por ela tudo. Eu é que a fiz gente. Tudo me devia. O meu sacrificio foi até ao ponto de lhe dizer uma vez: se um dia se atravessar alguem no teu caminho, que possa garantir o teu futuro e dos teus filhos, diz-mo, e segue a tua vida. Eu afasto-me...

E mostra enternecer-se.

—Até disse isto na presença do padrasto dela, que o não queria ver...

—Mas você escreveu cartas comprometedoras para a sua inocencia. Essas cartas apareceram. Ha a carta dela á mãe...

—Tudo isso tem uma explicação. A Maria era assim. Escrevia aquilo tudo, mal se zangava comigo.

E tenta explicar ao jornalista a historia de cartas que apareceram, o seu nenhum significado.

—Isso tudo é muito grave, e você não está bem colocado...

—Bem sei... Bem sei... Mas eu estava agora bem com a Maria, e se ela fôsse viva, ela me defenderia neste caso das cartas. Viemos muito bem do Porto. Estivemos sempre bem. Ha 7 anos que lhe não batia. Ora uma cousa destas! Ah! Que se chega aparecer o verdadeiro criminoso, eu desiludirei tudo!

Explica depois a frase «eu tirava-lhe o pio»:

—Vê... Patifes! Malandros! Essa frase era para o Carlos Alves e não para a Maria. O que eu disse foi: aqui no Porto não posso com o Carlos Alves que tem uma «purria». Mas se o apanhasse em Lisboa «tirava-lhe o pio». Coisas que se dizem... Eu estava bem com a Maria. Ela até me disse, quando eu no Porto bati no Alves: não lhe devias ter batido aqui... Contava-me tudo, tudo...

Por insistencia nossa, relatou todos os seus passos desde o dia em que chegou a Lisboa, sabado á noite, com a Maria Alves.

Contou como, ao contrario do que se diz, veiu «bem» com ela do Porto. Estiveram a tomar chá antes de partirem. No comboio ela bem deitada, eu arranjei-lhe — coitadinha! — a cama com uma manta. Comeram pasteis de bacalhau, que trouxeram. Numa estação comprou-lhe maçãs, descascou-as para ela. Levou-lhe agua.

Omitismo, por não interessar já, o que fizeram e o que ele fez na noite de sabado (ficou na casa da Rua Luciano Cordeiro) e no domingo, em que lhe telefonou, e não veiu á Baixa, e, na segunda-feira, dia em que mandou despachar as malas, que a ela faziam falta, tendo estado á noite no Maria Vitoria, na caixa. Promenores já conhecidos ou que não interessam.

E' escusado dizer que todo o relato é feito com a maior serenidade e firmeza de memoria.

—Deixe-me já dizer que a maior discussão que tive com ela, foi na vespera, quando vieram as malas. Mas as cousas ainda se compuzeram á noite, depois do Maria Vitoria.

Um promenor que não queremos omitir.

—Quando na segunda á noite, depois do espectaculo (isto é: já era terça de madrugada) descemos ao Rossio para tomar um electrico, a Maria extranhou o movimento de automoveis. E eu disse: «é como em Paris, basta chamar um, estamos logo servidos. Queres vêr?» E chamei um, um palhinha, que logo me levou (é o mais barato, não é?) com ela e com o sr. Castanheira a casa deste, á Almirante Reis, indo depois a casa dela, á Rua de

MARIA ALVES

a vitima

Arroios. Eu subi... e estive um nedaço com ela... «A que horas sais amanhã?»—perguntei eu. «Depende das horas a que acordar. Vem cá, e depois se combina».

E Gomes foi para casa.

—Vamos ao dia do crime?

—Saí de casa, e ainda não era meio dia estava em casa dela. Não estava arranjada. E estava a almoçar na vizinha do lado (a sr.ª D. Amelia, esposa do sr. Castro Neves, redactor de *O Seculo*). «Então acaba de almoçar, que eu já almocei». Estava muito bem comigo, como a visinha viu. Eu disse que ia ao Parque. «Está bem. Vê lá se está por lá o Oscar». Voltei ás 2 e meia, e saí com ela, a pé, até o Parque Mayer, atravessando a rua das Barracas, Santana, descemos o Telhal, e cortamos a Avenida. O Oscar estava para a Alfandega...

Conta que desceu com ela, depois, a Avenida, a fim de ela ir á «manucure», onde a apresentou como nova cliente na barbearia do canto da Praça dos Restauradores. Ela ficou a tratar das mãos, e ele foi esperá-la para a «Chic», onde ela apareceu ás 5 e meia. Já não foram ao Foz, onde tinham combinado ir. Foram comprar uns sapatos para ela, que ela logo calçou, e voltando á «Chic» estiveram ali de conversa com o sr. Alberto Reis e sua mulher, e com o sr. Castelo Branco, até ás 7. Saíram a fazer horas para o jantar, a dar uma volta no Rossio. Mas a Maria Alves declarou

que precisava ir a casa. «Então v
meteu-a num taxi, dando ordem ao «c
que depois de ir a Arroios, esperass
e a levasse ao Parque. Ele logo f
Parque, onde falou ao empresario
dinheiro que este devia á actriz.
disse que só lá para o dia 4 ou 5 p
gar. «Ela é que vai ficar danada. M
eu dou-lhe o dinheiro, se ela não
acôrdo».

Cinco minutos depois a actriz vo
tem vindo mais cedo apanhava aqui
E jantaram na casa do sr. João Borg

Depois saíram á Avenida a faz
para a segunda sessão do Maria Vi
nham o camarote 17. Estiveram sent
banco defronte do Tivoli.

—E que conversaram? Consta q
exaltado com ela?

—Não. E' mentira. Ela ia nervosa
do dinheiro do Oscar, mas eu não
da ida da filha para o Brasil.

Emfim: voltaram ao Parque e ela
seu camarote, onde ele por vezes ap
acabado o espectaculo—saíram...

Aqui o jornalista deu-se a fixar o
durante a narração. Não lhe surpree
hesitação, uma duvida.

—Estivemos ainda a rir com a Le
que ia partir para o Brasil. «Tomara
a minha vez de embarcar» disse
Saíram a pé. Vieram, Avenida abaixo
tir a questão do dinheiro do Os
sempre prejudicada pelas tuas ami
disse-me ela. A Maria era assim, po
ro... Ela na Chic não quiz entrar
danada! «Eu não quero o dinheiro n
outros. Quero o que é meu na min
Atravessaram o Rossio, e sempre e
resinar» com a historia do dinheiro
morrer sêca; ganancioso! Não pen
em dinheiro! Toma lá o raio do din
perto da leitaria, que ali está á e
Rua da Betesga, até á paragem do
esquina da Rua da Prata, foi com
na mão.

E acentua:

—Houve quem visse, um homem
Brito, por duas vezes. Primeiramente
em notas, depois eu sosinho, já na v

—Mas isso não está provado...

—Não sei. Ouvi dizer e até me p
li no jornal.

—Adeante...

—O carro vinha cheio. Saltei e to
lugar, logo á entrada, ao canto. Depoi
o lugar, e saí pela frente. «Vais
ceia?»—perguntou ela. Qual ceia!—
E ela ainda disse mais: «boa viagem!»
lembro que ia caindo, quando desci
gente.

—Mas como é que ninguem os vi
sintomatico contra essa versão.

—Oh sr. jornalista! Então a minh
cia depende de me terem visto ou n
ra ninguem diz que me viu. Têm tod

—Mas ao menos a ela?

SE O MISTERIO

AUGUSTO GOMES

adrugada á policia

RANGULOU

MARIA ALVES

ASSINO

no sabado

"Diario de Lisboa,,:

Deus ajude a provar cia! Sem ter a minha ão apertarei a mão a alguma!»

—Não vê que a Maria tinha estreiado em Lisboa um casaco de peles, que eu lhe comprava em Paris. Ninguem a conhecia naquele traje. Depois ela ia embuçada e com o chapeu para os olhos. Se até a mulher do João Borges a não conheceu, quando a viu no Parque! Ela, que fôra muito magrinha para o Porto, voltou de lá mais gorda.

—E que horas eram?

—Não podia ser mais que 1 e meia.

E continua:

—A' esquina da Portugalia estive com o sr. Castanheira a conversar três ou quatro minutos. Ele preguntou-me pela Maria, e eu disse: «vai naquele carro».

—E seguidamente?

—Apanhei um electrico para Gomes Freire. Vim na plataforma de costas, a ler o jornal, para apanhar melhor a luz. Julgo que o Reis filho me viu, embora ele na policia não tivesse afirmado isso, e dei as boas noites ao Casanova, que me correspondeu, embora tivesse dito que não soube a quem foi que correspondeu á «boa noite».

Aqui agora—e isto interessa á policia—relata:

—Apiei-me na rua Conde Redondo. Vi o policia de giro e ao fundo o guarda noturno. Abri a porta pelo vidro partido. «Entrei em casa, tendo sido a Miquelina, e não a criada, e isso era costume, que abriu a porta. Ela arranjou-me umas fatias de pão com manteiga, e meti-me na cama a ler o jornal. Adormeci pouco depois...

E nesta narrativa, toda falsissima, não houve uma hesitação, uma tremura de voz. Quando nós o fixavamos, ele parecia retorquir: «não é preciso fixar-me assim». E continuava...

—No outro dia...

—Levantei-me ás 10, saí ás 10 e meia, apanhei o carro só na Avenida, porque não gosto de estar parado á espera, estive na rua dos Corriceiros, no Novo Dia, n.º 260, a vêr se tinha correspondencia, fui á rua do Ouro pagar a renda da casa, e meti-me depois num carro do Arco do Cego, para casa da Maria.

Conta então, o que é já mais que redito: abriu a porta, viu as trazeiras fechadas, preguntou á vizinha, saiu á rua, ouviu falar num crime, comprou o jornal, voltou a casa da actriz, já «alarmado, por ter sabido que o chapeu era encarnado, e a combinação preta; foi depois á esquadra de Arroios, e diante do chapeu encarnado exclamou: ai que aquele é o chapeu de Maria!»

E comove-se...

—E fui então direito ao Governo Civil, com o sr. Castro Neves, vizinho da Maria, onde o chefe Murtinheira não sabia nada do crime... Depois—principiou a minha tragedia!...

* * *

A conversa ia longa. O jornalista, agora de pé, observou ao Gomes que aquelas descrições e narrativas não tinham uma unica confirmação—digna de merecido credito.

—E' a minha desgraça! Tudo contra mim! São os meus inimigos a vingarem-se! Ninguem, que o pode fazer, vem á policia declarar que me viu, porque tem medo da opinião publica.

E, com uma atitude natural, naturalissima, quasi simples, desafectada:

—Eu sou um desgraçado, se Deus não me acode. Mato-me! Liquido-me se não saio daqui inocente! Alguns politicos me têm oferecido seus serviços. Recuso tudo. Não pedi auxilio a ninguem. Não peço; não pedirei.

E, no mesmo pasmoso, surpreendente efeito de comediante:

—Espero que Deus ajude a provar a minha inocencia! Sem ter a minha honra ilibada não apertarei a mão a ninguem.

E, já quando o jornalista saia e o cabo de policia, impaciente, queria fechar a porta:

—Mas se saio daqui, seja lá quando fôr, é para voltar pouco depois. Malandros! Caluniadores! E' uma porta sim, uma porta não. Ah! Essa lhes juro eu!

E ficou a pedir ao cabo que lhe fôsse, «por tudo, por tudo», buscar os filhos...

A descoberta do crime

Como ontem se previra, o sensacional crime de assassinio da actriz Maria Alves teve já — era uma questão de horas — o

AUGUSTO GOMES

o assassino

seu termo na tarefa dos investigadores.

O *Diario de Noticias* num momento feliz de reportagem puzera a pista que deu certa do principio ao fim, num lapso reduzido de horas.

Do sr. José Arnuth passou-se ao sr. José Machado, frequentador assiduo do Cafe Abadia; deste, chegou-se ao advogado sr. dr. Berens Freire, que se entrincheirou no segredo profissional para ocultar o que porventura sabia. Surgiu um personagem que era d'spensavel para a sequencia das investigações, e, logo depois, na dedução logica e pormenorisada da pista, houve de procurar-se o *chauffeur* consulente do homem de leis num caso grave de consciencia.

Quem era? Deu-se a Policia a tratos para o encontrar.

Ontem, pela tarde, verificado, por exclusão de partes, que não podia tratar-se senão de um dos «taxis» da Cooperativa de *Chauffeurs*, o sr. dr. Paiva Lereno, baldadas já varias tentativas para descoberta e captura do condutor do carro em que Maria Alves fôra morta, dirigiu-se á séde da aludida Cooperativa.

Entendeu-se com a respectiva direcção que imediatamente, se colocou ao dispôr do adjunto da Policia de Investigação Criminal para o auxiliar na descoberta do *chauffeur* que se procurava; e, manifestando um desejo, que o enobrece, de contribuir para a pesquiza da Verdade, sobretudo porque ia nisso a defeza da sua propria honra, logo se decidiu a fazer tambem policia por sua conta.

—Ha 18 homens nesta Cooperativa sobre os quais pódem recair as nossas suspeitas — informou o sr. dr. Paiva Lereno. Temos que os interrogar a todos, um por um. Como compreendem, é um trabalho demorado...

—Nós proprios auxiliaremos; podendo V. Ex.ª crer que o fazemos com inteira lealdade como compete a homens de bem quo todos nós nos presamos de ser.

O sr. dr. Lereno aceitou, ficando assente que a direcção da Cooperativa dos *Chauffeurs* tomaria a seu cargo a tarefa dos interrogatorios.

A noite caíu; decorreu mais um dia, sem que o tenebroso crime se desvendasse; e...

Quem era o chauffeur do "taxi"?

Por volta da 1 hora da noite apareciam no Governo Civil dois membros da Direcção da Cooperativa, a declarar que precisavam de falar com o comissario de serviço, que era o tenente sr. Lopes Soares.

Recebidos sem detença, disseram ao que iam. Tinha descoberto quem era o seu *chauffeur* que a Policia procurava, e, como haviam prometido, iam denunciar o seu nome ás autoridades.

Quem era?

Era um pobre rapaz,—João Fernandes, casado—que não tem uma unica prisão e que já estivera em tempos ao serviço do emprezario Augusto Gomes.

Tinham obtido dele toda a confissão do crime; e, explicando que o camarada, não tendo tido mais um momento de tranquilidade desde a hora em que as circunstancias o fizeram conivente no assassinio, declararam que seria entregue por eles proprios á prisão.

Porque não o fizera já e expontaneamente?

Porque o advogado que havia consultado assim lh'o aconselhára, e porque lhe repugnava denunciar um homem que, acima de tudo, mostrára ser em ocasiões dificeis da vida, seu protector e seu amigo.

Horas de impaciencia

Assentou-se em que os aludidos membros da direcção da Cooperativa fôssem buscar, sem intervenção alguma da Policia, o *chauffeur* João Fernandes que os aguardava em sua casa, na Calçada do Desterro, n.º 2.

Era pouco mais de 1 hora da noite. Os dois homens partiram á sua dolorosa missão; e, entretanto, conhecida a noticia nas redacções dos jornais da manhã, deu o Governo Civil em animar-se, momento a momento se tornando maior a ansiedade que a chegada do *chauffeur* determinava.

Esperou-se. Decorreram horas duma impaciencia e de um nervosismo só compreensiveis por quem esteja habituado a estes transes grandes de emoção, até que ás 3,15, chegou, alfim, o automovel com o João Fernandes, os seus companheiros, e o sr. dr. Paiva Lereno. Tinham-se comprometido a entregar-lh'o, e por isso haviam ido propositadamente a sua casa para que ficasse bem vincado, da sua parte, o cumprimento da promessa.

O João Fernandes é um rapaz alto, moreno, de mediana corpulencia, cara de boa pessoa. Veste um casacão cintado e usa um *bonet* de pala que lhe vai bem.

Quando entrou no Governo Civil, chorava. Depois, quando confessou tudo e lhe anunciaram a imprescindibilidade de uma acareação com Auguto Gomes, tornou a chorar. E dizia porquê:

—Enfim! Paciencia! Mas o que mais me vai custar é ter de o desmascarar! Cara a cara, ter de ser eu quem o denuncie na sua propria presença!

A's 7,30 partiu o agente Zeferino em automovel a buscar Augusto Gomes para a acareação decisiva. Fôram-lhe os jornalistas no encalço. Houve uma correria louca pelas ruas já então movimentadas do trajecto, chegando um colega que se atrazára em *pane* subita, a fazer em 4 minutos o longo percurso, que vai do Governo Civil á esquadra da Pampulha.

Augusto Gomes surpreso de terem ido despertá-lo áquela hora, para ele matutina, quiz saber de que se tratava. Ninguem lhe respondeu. O agente Zeferino limitou-se a intimar-lhe que saísse e a sentar-se junto dele no automovel, por dever de oficio, sem uma palavra, sem um gesto que denunciasse uma explicação ou uma deferencia.

O mulherio acorrera á rua, porém, em algazarra de comentarios. E, quando o assassino, transpondo a porta da esquadra, defrontou a multidão curiosa, teve um sorriso que deve ter-lhe sido o mais forçado de toda a sua já longa vida de hipocrisias. Soube, por certo, do que se tratava sem precisar de interrogar mais ninguem.

Depois, dali a minutos, no Governo Civil, foi a prova definitiva.

Puzeram-lhe lealmente, abertamente, a situação. Augusto Gomes negou. Continuava disposto a fazer da sua mascara de vitima, o arnez com que prometera a si proprio defender-se das cutiladas da Verdade.

Os investigadores insistiram. Ele insistiu tambem. Os investigadores teimaram. Ele teimou tambem. O *chauffeur*, sucumbido, quasi impotente para se aguentar na tremenda situação, repetiu as suas afirmações de verdade. O emprezario, com o ar mais sereno deste mundo, cada vez mais seguro de si, repetiu, por seu turno, os fieis juramentos de mentira.

Até que, por volta das 9 horas, apertado num circulo irrompivel de provas, se declarou vencido. E veiu toda a arripiante pormenorisação do crime.

Como foi praticado o crime

Conjugadas as declarações de João Fernandes e de Augusto Gomes, reconstitue-se assim o crime em toda a sua movimentação episodica:

Na tarde de 31 de Março o emprezario chamou João Fernandes e disse-lhe:

—Logo á noite preciso de ti.

—A's suas ordens, sr. Augusto. A que horas quere o carro?

—Aí por volta da meia noite e meia hora.

—Onde?

—A' saida do Parque Mayer.

—Fique descansado, sr. Augusto. Lá estarei a essa hora.

Pelo tom da ordem que acabava de serlhe dada, supôz o *chauffeur* que se tratasse de qualquer aventura de amór das que o emprezario frequentes vezes tinha. E á hora combinada lá estava «sperando o freguez á saída do Parque.

Augusto Gomes que, como se vê, premeditára maduramente o seu infamissimo plano, andára, entretanto, na feira a ceiar bizarramente com a desgraçada artista, e estivera com ela a rir e a galhofar na revista do teatro Maria Vitoria, e passára horas a pandegar com a pobrezinha que decidira assassinar ao termo da noitada.

Depois, quasi findo o espectaculo, saíu. Foi ao encontro do auto que o aguardava escolhido pelo assassino para logar de suplicio da «mulher que tanto amava».

Entrou. Entraram ambos no carro, sem que João Fernandes conhecesse Maria Alves. E, uma vez acomodados, foi Maria Alves pelo caminho sempre a rir, sempre a galhofar, até ao local que mais propicio se antolhava ao carrasco para a imolação.

Subiram a Avenida da Liberdade, galgaram a Avenida da Republica, rodaram até ao Campo Grande, e dali a Telheiras, e ao Rego, voltando pela rua da Beneficencia.

Chegados a esta ultima, o emprezario intimou subitamente o *chauffeur:*

—Pára!

O automovel parou. E Augusto Gomes, saíndo do carro, fez a horripilante revelação.

Maria Alves estava morta já. Assassinára-a, esganando-a emquanto a passeava pelas Avenidas para melhor lhe provar o «grande amor que lhe consagrava»...

—Exaltei-me... Perdi a cabeça... Acabou-se... Agora o que é preciso é tirá-la daqui para fóra.

Instalou-se ao lado do *chauffeur* e, emquanto o ia ameaçando de lhe dar cabo da pele se o denunciasse, ia ele proprio orientando a marcha, com o corpo da infeliz enrodilhado e ao abandono no chão do automovel.

Seguiram pela Rua Visconde Valbom, passaram á Avenida Duque d'Avila, fô-

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

CARTAZ

TEATROS

Nacional=A's 21=«A Dança da Meia Noite».
S. Luiz=A's 21=«Roma Galante».
Trindade=21,15=«A Exilada».
Avenida=A's 21,15=«Pão de Ló».
Politeama=A's 21,30=«Jim».
Gymnasio=A's 21,30=«O Az».
Apolo=A's 21,30=«O Martir do Calvario».
Maria Vitoria=A's 20,20 e 22,30=«Foot-ball».
Coliseu dos Recreios=A's 21, (9 n.)=Ilusionista Raymond.
Salão Foz=A's 15 e 21,15=Companhia de Variedades.

ANIMATOGRAFOS

Tivoli=Avenida da Liberdade.
Olimpia=Rua dos Condes=«Matinée» e «soirée»
Chiado-Terrasse=Rua Antonio Maria Cardoso=Domingos e feriados, «matinées».
Cinema Condes=Avenida da Liberdade
Salão Central=Praça do Restauradores
Salão Ideal=Rua do Loreto.
Cinema Gil Vicente=A' Graça=Domingos, Terças Quintas e Sabados.
Rue-Paris=Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora=Largo do Calvario.
Salão Rocio=Rua do Arco do Bandeira,
Cinema Belem=Rua Paulo da Gama.
Cine Tortoise=Campolide=Quartas, quintas, sabados e domingos.
Eden-Cinema=Rua do Alvito=Alcantara.

Politeama Emp. Luis Pereira Telef. 3028 N.

Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro

HOJE, ás 21,30

A representação da peça

JIM O REI DOS GATUNOS

TEATRO AVENIDA TELEF. N. 4356

COMPANHIA SATANELA-AMARANTE

Hoje e sempre (A's 21,15)

O «vaudeville» vencedor de todas as peças representadas em Lisboa nos ultimos anos

O Pão de ló

Brevemente: O novo «Fado do Pão de Ló».

TEATRO DE S. CARLOS

HOJE — A's 21,30

2.º espectaculo de opera portuguesa

GRANDIOSO SUCESSO

ROSA DO ADRO

Drama lirico em 2 actos, e a ultima parte da opera

ALFAGEME DE SANTAREM

DOENÇAS NERVOSAS

Gabinete hidroterapico—C. do Duque, 20

C. da Gloria, 15—T. N. 4457

Director

Dr. J. Silvestre d'Almeida

Duas salas de douches independentes para homens e senhoras. Banhos de vapor. Massagens higienicas. Electroterapia.

Aberto das 8 ás 19 horas.

Consultas das 10 ás 12 horas

Tribunal do Comercio de Lisboa

1.ª Vara

EDITOS DE 30 DIAS

Por este Tribunal, e cartorio do escrivão Sá Nogueira correm editos de 30 dias contados da segunda publicação deste anuncio no «Diario do Governo» e outro periodico citando a firma Mendonça Henriques Lt.ª, que teve séde na rua Garrett, 48 e José Gorjão Henriques, residente que foi no Hotel Borges, desta cidade, ambos ausentes em parte incerta, para na segunda audiencia posterior ao praso dos editos virem acusar a citação e marcar 3 audiencias para contestar, querendo, sob pena de revelia a acção ordinaria que lhes move o Agente do Ministerio Publico junto deste Tribunal, em nome do Estado, na qual este pretende que a ação seja julgada procedente e provada, e os reus condenados a pagar-lhe a quantia de 576.000$00 e os mais que se apurar em execução de sentença a titulo de prejuizos resultantes de falta de cumprimento de contracto celebrado em 14 e 15 de Maio de 1924 entre o Comissariado dos Abastecimentos e a firma citada, nos termos do Art. 705 e 709 do Cod. Civil, nas custas e procuradoria.

As audiencias realizam-se no Tribunal do Comercio sito na rua de S. Pedro d'Alcantara, n.º 75, 1.º, todas as 2.as e 5.as feiras pelas 11 horas, excepto nos dias feriados em que se transferem para os imediatos, se o não forem tambem.

Lisboa 30 de Novembro de 1925.

O escrivão
Anibal de Sá Nogueira

Verifiquei

O Juiz Presidente
J. Sampaio

Carreiras Aereas Lisboa-Sevilha

No proximo sabado partirá para SEVILHA o avião gigante JUNKERS.
Partida da estação do Rocio para Alverca ás 9 e 25.
Saida de Alverca ás 11 horas.
Chegada a SEVILHA ás 13 horas e 30 minutos.

Venda de passagens e esclarecimentos nos escritorios da:

EMPREZA TECNICA INDUSTRIAL LIMITADA

Rua da Boa Vista, 43

Telefone Central 442 ou 3999

Progressão Facil

Rua do Arsenal, 100, 3.º

LISBOA

TELEFONE 133 CENTRAL

A todos os interessados recomendamos as inscrições abaixo, visto estarem ainda de principio:

Inscrição	10.00	premio	250$00	em	Fazendas	ou	200$00	em Dinheiro
»	10.00	»	600$00	»	»	»	500$00	» »
»	2.50	»	600$00	»	»	»	500$00	» »
»	40.00	»	3.000$00	»	»	»	2.500$00	» »
»	5.00	»	3.000$00	»	»	»	3.500$00	» »

SEM PASSAGEM DE SENHAS

Os premios são em Fazendas, mas quem o preferir receberá em escudos abatida a importancia que reputamos o nosso lucro.

Aos clientes da provincia recomendamos estas inscrições: (Enviar $80 ctvs. para o correio).

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

LISBOA — RUA DO OURO, 18. 24

PORTO — PRAÇA DA LIBERDADE, 28. 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionais e estrangeiros

---

CONFORTAVEIS

GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE

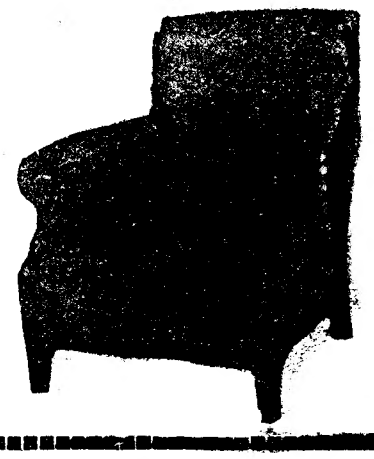
CARPETES

A PREÇOS BARATISSIMOS

JOSÉ OLAIO & C.ª (FILHO)

RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)

TEL. C. 3092



Empresa de Trens de Aluguer da Graça

RUA S. GENS (á Graça)

TELEFONE NORTE 2042

Esta Empresa participa aos seus estimaveis clientes que a partir do dia 1 de abril reduz os seus preços, estabelecendo a tabela seguinte:

As duas primeiras horas.....	25$00
Cada hora a mais.....	10$00
Serviços TEATRO levar e buscar	15$00
Serviços para fóra de Lisboa preços convencionais	

BRILHANTES GRANDES

SEM DEFEITO

ESMERALDAS e JOIAS ANTIGAS

Compramos por preço superior a todas as ofertas.

Barreto & Gonçalves, L.da

17, Rua Eugenio dos Santos, 17

Antiga Rua de Santo Antão

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049

HOJE a representação da peça

A Dança da Meia Noite

Tradução de José Sarmento.

NOTAVEL EXITO GLORIOSO SUCESSO

THEATRO DO GYMNASIO

Direcção de GIL FERREIRA—Tel. T. 914

Recita da moda

A mais greciosa das comédias

O AZ

com Palmira Bastos, Alegrim, Gil Ferreira e Albuquerque

TEATRO APOLO TELEFONE N. 4129

TODAS AS NOITES, ás 9,15

A emocionantissima peça

O Martyr do Calvario

Protagonista RAFAEL MARQUES

PREÇOS POPULARES

SEMPRE SEM LOCAÇÃO

TEATRO DA TRINDADE Tel. T. 976

Hoje, ás 9 e 15

A EXILADA

Magistral criação da actriz Lucilia Simões

Amelia Pereira, Erico Braga, Joaquim Almada e Sawuel Diniz

nos principais papeis.

Saes «DERMOXA»

Curam todos os males dos pés

O melhor contra a transpiração

A' venda em todas as Farmacias e Drogarias.

Deposito: MARIO BRANDÃO — Rua Eugenio dos Santos, 99—Lisboa.

N. B.—Exijam os verdadeiros Sais «Dermoxa» e recusem as imitações, que não têm nenhum valor curativo. Laboratoires J. Nante, 62, Avenue Gambetta—Paris.

Declaração

Avelino da Silva Pereira, para evitar erradas interpretações vem declarar ao Comercio e freguezes da Casa dos Lanificios de Arnaldo José d'Almeida, na Rua Augusta n.º 125, que a razão da sua saida da dita casa onde esteve 22 anos, foi motivada por divergencias com o seu proprietario sobre o apuramento de sua percentagem nos lucros de 1925.

Lisboa, 13 de Abril de 1926.

(a) *Avelino da Silva Pereira*

Companhia Geral de Seguros

Assembleia Geral

Em cumprimento do art. 17.º dos Estatutos, é convocada a Assembleia Geral dos Srs. Acionistas, para reunir no dia 30 do corrente, pelas 16 horas, na séde da Companhia, rua dos Fanqueiros, 121, 1.º, a fim de ser apreciado o Relatorio e Contas referentes ao exercicio de 1925, e o parecer do Conselho Fiscal.

Caso não se efectue a reunião por falta de numero, é novamente convocada nos termos do art. 184.º do Codigo Comercial para o dia 15 de maio, á mesma hora.

Lisboa, 11 de abril de 1926.

O Presidente da Assembleia Geral
João Henrique Ulrich

MANUCURE
Só para senhores.
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA
AVENIDA DA LIBERDADE, 35
LISBOA

ESTRANGEIRO

HUMAGSOLAN
Cura a calvicie e evita a queda do cabelo — Remedio de uso interno
Nas boas farmacias e drogarias
AGENTES: Wirges & Simões, Lda. R. Antonio Maria Cardoso, 23—LISBOA—Telef. 1186 C.

DO BRASIL

NO "Lutetia,,

embarcaram os delegados

enviados á Conferencia Parlamentar

RIO DE JANEIRO, 12

Seguem para a Europa, no «Lutetia», o senador Antonio Carlos e o deputado José Bonifacio, delegados á Conferencia Parlamentar de Comercio de Londres.

No mesmo barco vem tambem o conhecido medico Carlos Chagas.

No «Arlanza» embarcaram o senador Vespucio de Abreu, egualmente delegado á Conferencia Parlamentar de Comercio, Antonio Penido, Raul Penido, Eugenio Catapreta, director da Imprensa Nacional, e o dr. Rocha Fragoso, director do «Jornal do Brasil».—(A.)

As homenagens

ao medico Jacinto Martinho

S. PAULO, 12

O dr. Jacinto Martinho, delegado da Sanidade de Moçambique, tem sido muito homenageado. Acompanhado pelas autoridades, seguiu para Piracicaba, onde visitou diversas fazendas. Aquele medico tem examinado todos os Institutos importantes de S. Paulo.—(A)

RIO DE JANEIRO, 13.

O dr. Adriano Metelo foi nomeado inspector geral das minas para o Estado de Mato Grosso. Anuncia-se que, sob o impulso do governo daquele Estado, se nota uma grande actividade nas minas de diamantes de Araguaya, e que, por isso, vão ser nomeados sete novos inspectores.—(A.).

RIO DE JANEIRO, 13.

O projecto de orçamento para o Estado de Maranhão prevê uma economia de 1.000 contos sobre a actual despeza. Alguns impostos que oneram diferentes artigos de primeira necessidade vão ser reduzidos.—(A.).

Restaurant Bacalhau
A's portas de Benfica
Aberto toda a noite para serviço de ceias
Sendo o retiro melhor frequentado nos arrabaldes, impõe-se pelas suas magnificas instalações tais como explendidas salas, gabinetes reservados e optimo terrase ao ar livre Grande adega propria.
Magnificacosinha á portuguesa, servida de um precioso vinho em cima da borra, fabrico especial desta casa.
Aos domingos concerto por um terceto.
Preços modicos sem competencia

Salão Elegante

Pessoal Estrangeiro
CABELEIREIRO DE SENHORAS
Tintura de Henné, corte, ondulação
MODISTA DE VESTIDOS E ENXOVAIS
CALÇADA MARQUÊS D'ABRANTES, 128, 2.º

UM NEGOCIO CRIMINOSO

A cocaina

é produzida na Alemanha

e exportada clandestinamente para todo o mundo

Ha uma dezena de anos que em Paris se tem desenvolvido extraordinariamente o uso da cocaina. Em Lisboa, infelizmente, tambem. Donde vem a cocaina que está envenenando a humanidade? Um jornal francês afirma que a Alemanha é o grande foco donde se exporta a cocaina para todo o mundo. As oficinas onde se produz o «terrivel alcaloide» estão instaladas em Darmstadt e Niedelheim. E' por intermedio dos mercados de Bâle, Lausanne e Genebra que a Alemanha canalisa o veneno para o resto da Europa.

O trafico da cocaina transformou-se numa verdadeira industria, com o seu monopolio organizado. Para passar a droga na fronteira, é necessario que a importação seja em tal quantidade que cubra as despesas elevadas da candongagem.

Comprada á rasão de 3.500 a 4 000 francos o quilo, a cocaina é vendida ao preço de 15.000 a 20 000 francos por junto.

Os processos usados para introduzir o contrabando na fronteira francesa são os mais diversos. Por vezes, os contrabandistas entendem se com os empregados da alfandega, mas na maior parte dos casos aqueles que importam a droga fazem na passar em «valises» de duplo fundo ou em cintos que enrolam em volta do corpo. Cita-se mesmo o caso dum industrial alemão que se serviu da «valise» diplomatica. E nós tambem cá temos o exemplo, não para o contrabando de cocaina, mas para a passagem de notas falsas.

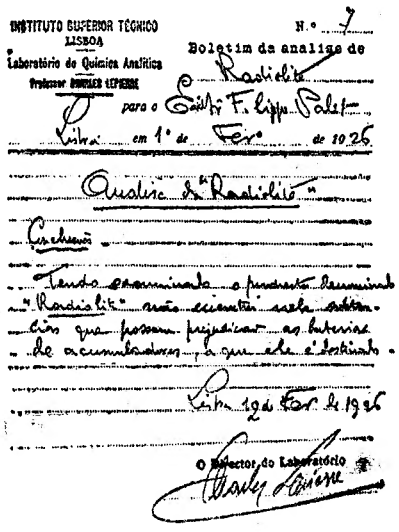
Uma vez introduzida em França, a cocaina é vendida por uma nuvem de intermediarios, que realisam lucros fabulosos. Ao preço por que vendem o grama, cada quilo atinge por vezes o custo de 50 000 francos.

* * *

O trafico faz-se da maneira mais clandestina e pelos processos mais diversos. O «truc» classico é o do pequenino embrulho depositado nos lavabos de certos estabelecimentos nocturnos pelo «chasseur» da casa; outras vezes, a cocaina esconde-se no interior duma bengala, dum guarda-chuva, ou dum falso relogio. Um dia foi preso um invalido que tinha na perna postiça um verdadeiro deposito de droga. Um vendedor de jornais foi encontrado proximo dos «boulevards» a vender a um cliente uma quantidade importante de gramas de cocaina. Em Sarreguemines, os proprios gendarmes faziam escandalosamente o contrabundo da droga venenosa.

O jornal onde colhemos estas curiosas informações apela para os poderes publicos, pedindo uma intervenção rapida e energica para a repressão do criminoso trafico. Torna-se necessario aumentar a vigilancia na fronteira, para que viajantes sem escrupulos e aristocratas arruinados não se entreguem com tanta frequencia e com tanto descaramento ao contrabando do «terrivel alcaloide» que um tão grande numero de vitimas está causando em todo o mundo.

RADIOLITE — NON-SULF
Aos automobilistas, «chauffeurs» e ao publico em geral


INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO
LISBOA
Laboratório de Química Analítica
Professor ANGLES LEPIERRE
N.º 7
Boletim da analise de Radiolite
para o Snr. Filipe F. Lippe Palet
Lisboa em 1 de Fev.º de 1926
Analise da "Radiolite"
Conclusão
Tendo examinado o producto denominado "Radiolite" não encontrei nele substancias que possam prejudicar as baterias de acumuladores, para que ele é destinado.
Lisboa 1 de Fev.º de 1926
O Director do Laboratório

Em resposta a um anuncio ha tempos publicado por uma casa de artigos electricos, venho agora publicar os resultados dos ensaios e analise feitos no Instituto Superior Tecnico, sob a direcção dos ex.mos srs. professores **Leon Fech** e **Charles Lepierre**, pelos quais se demonstra com absoluta certeza que a **Radiolite—Non Sulf**, não contém materia alguma **ofensiva** para as baterias.

Os ensaios em curvas, da Radiolite, comparados com o velho uso da carga feita com agua acidulada, demonstram uma grande superioridade da Radiolite.

A analise indica que **não** contém qualquer materia que ofenda as placas das baterias.

A fim, portanto, de terminar com a campanha que certas pessoas, talvez julgando-se lesadas, teem feito á Radiolite, venho repetir e hoje com o testemunho de muitos automobilistas que já estão empregando nas suas baterias a Radiolite, que além de lhes ter evitado a sulfatação, tem uma luz mais brilhante, evitando tambem as **sobre-cargas**, que tanto prejuizo causam nas baterias.

A carga dura o dôbro. A luz é mais perfeita.

Previno tambem os srs. Automobilistas e «Chauffeurs», que tenho baterias Radiolite **insulfataveis**, construidas em caixas de borracha endurecida, o que evita as caixas de madeira.

Agente geral: **FILIPE T. PALET**
Avenida da Liberdade, 18—LISBOA

SAPATARIA CONTENTE, LTD.ª
CALÇADOS CHICS
ULTIMOS MODELOS
Rua do Carmo, 74 Telf. 5359 N.

DE HESPANHA

OS aviões hespanhoes bombardearam

a aldeia onde estava Abd-el-Krim

MADRID, 13

Informação indigena diz que quando Abd-el-Krim se achava em Aichab-Umagar, os aviões espanhois bombardearam vivamente esta aldeia, tendo Abd-el-Krim de se refugiar num abrigo subterraneo; o cabecilha acusava os que o acompanhavam de terem assinalado a sua presença aos espanhois.

Depois partiu encolerisado para Temasuit.—(H.).

A França

e o imposto de rendimento

MADRID, 13

O conselho de gabinete aprovou a convenção feita com a França a respeito do pagamento do imposto de rendimento das sociedades francesas estabelecidas em Espanha.

O ministro dos Negocios Estrangeiros deu conhecimento do donativo de 100.000 francos feito por um espanhol, o sr. Emilio Sons, para auxiliar a construção na cidade universitaria de Paris, de um edificio destinado á residencia dos estudantes espanhois.—(H.).

Aos catolicos

Nenhum catolico, que seja ao mesmo tempo um artista ou um amador de obras de arte ou literatura, deve deixar de ver o grande «film» «Nossa Senhora de Paris», a obra prima de Victor Hugo que, trasladada ao «ecran», continuou a ser uma obra prima e que pode ser vista por todos, pois que apesar da obra literaria figurar no «index» catolico, o «film» é, mercê das modificações de detalhe introduzidas, aprovado e recomendado pelas autoridades superiores eclesiasticas. Sendo assim, ninguem deve deixar de presencear o emocionante espectaculo e as assombrosas creações dos geniais artistas do elenco, á testa do qual vem o grande «Lon Chaney», que é maravilhoso no papel alucinante de «Quasimodo», o corcunda de Nossa Senhora.

DR. MIGUEL DE MAGALHAES
Monitor da clinica de Necker—Paris
RINS e vias urinarias. Venereologia e sifilis
T. N. de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas
TELEFONE 5205-N

BAIXAS DE PREÇOS
RESTAURANTE MODERNO
Almoços 9$000 — Jantares 10$000
(com vinho)
Rua da Gloria, 43-45
(frente Avenida)

PARTEIRA
Judite Silva
Rua de Santa Marta, 76, 3.º-E.
CONSULTAS sobre gravidez e faltas de menstruação. Das 2 ás 6 da tarde. Recebe clientes em casa. Telf. N. 921.

Grande sortido em Compotas, Conservas nacionais e estrangeiras
Manteigas e Carnes das melhores procedencias
LOPES & CABRAL
177, Avenida da Liberdade, 181
Telef. 142 N.

ULTIMAS NOTICIAS

ATELIER DE CHAPEUS DE SENHORA
chics, bom gosto e onde se não pagam luxos, só na
MANON
Rua João Crisostomo, 113, 1.
Telef. N. 5551
A. NEVES

A MORTE DE MARIA ALVES

O "chauffeur,, João Fernandes

contou esta tarde ao "Diario de Lisboa,,

como Augusto Gomes

PREPAROU

e cometeu o crime

(Continuação da pagina central)

ram á rua Conselheiro Pereira Carrilho, meteram a Arroios, direitos á rua Francisco Foreiro.

Era ali que o assassino decidira desinvencilhar-se da sua vitima. Voltou para isso a meter-se dentro do carro, junto com o cadaver, e continuou de lá a orientar a marcha e o caminho.

Mas naquela altura, passav. na rua Francisco Foreiro um homem, uma testemunha que poderia ser-lhe comprometimento grave. E então, o automovel deu a volta e tornou atrás, indo até ao cruzamento da estrada de Sacavem com a Rua Pereira Carrilho, para dali, fazendo caminho pela Avenida Almirante Reis, mais uma vez enfiar á Rua Francisco Foreiro.

Repetiu-se o precalço. Quando o cadaver ia ser despejado na calçada, surgiu á esquina outro vulto que obrigou a novas voltas de disfarce por Almirante Reis e arredores.

A' terceira tentativa efectivou-se o plano do assassino.

Maria Alves, morta, despojada de tudo quanto de valioso levara comsigo, desde as joias ao casaco de peles, foi arremessada da carruagem — que nem sequer parou de todo — ao empedrado da calçada onde fôram encontrá-la, dali a pouco, como um farrapo do monturo, um civil e um policia.

Outras notas interessantes

Augusto Gomes afirmou á Policia que, juntamente com o casaco de Maria Alves, arremessou ao Tejo as joias que lhe roubou. E' um pormenor em que os investigadores não crêem e que estão esperançados de esclarecer.

Preguntando-se-lhe os motivos que o levaram á pratica do crime, respondeu:

—Dei-lhe sempre a maior liberdade. Fartei-me de lhe dizer que, se um dia encontrasse um homem capaz de a estimar e de a fazer feliz, que de bom grado a deixaria. Só o que jurei sempre que não lhe consentiria era que me enganasse. E matei-a porque se atreveu a confessar-me, cara a cara, que durante dois meses pertencera a outros dois homens: a Carlos Alves e a um sujeito de apelido Peres.

O assassino garantiu á Policia, ao confessar o crime, que é ele o unico culpado, nenhuma responsabilidade devendo ser imputada a outrem, e muito menos ao *chauffeur* João Fernandes.

A Policia, porém, vai fazer mais prisões, pois as proprias declarações do criminoso implicam culpabilidades graves para varias pessoas que pretenderam encobrí-lo.

O *chauffeur*, terminados o interrogatorio e a acareação, recolheu, chorando, aos quartos particulares do Governo Civil, tendo Augusto Gomes tornado, ainda sob rigorosa incomunicabilidade, ao calabouço da esquadra da Pampulha. Eram 9,50 da manhã.

Um episodio das investigações

Parte das diligencias para a descoberta do crime foram confiadas aos agentes Custodio das Dores, Rosa e Morais, que pediram para esse fim a aquiescencia do chefe Murtinheira.

Ha duas noites, o agente Custodio das Dores encontrou o proprietario sr. Manuel Alves, que lhe relatou varios casos passados entre ele, Augusto Gomes e o Carlos Santos, «o Aldrabão». Dessa conversa resultou para o agente Custodio das Dores a convicção de que o autor do crime era de facto Augusto Gomes. Imediatamente aquele agente e os seus colegas Rosa, Morais, Zeferino da Silva e Alves, se puzeram em campo, efectivando a prisão de Maria Trindade e de Carlos Santos. O proprietario sr. Manuel Alves, ouvido pelo chefe Murtinheira, declarou:

Que tendo procurado Augusto Gomes lhe perguntou se ele de facto podia provar que tinha entregue a Maria Alves, na noite do crime, mil e quinhentos escudos, o que lhe parecia impossivel, visto toda a gente saber que o empresario não tinha dinheiro. O Augusto Gomes pediu então ao sr. Manuel Alves para este dizer á policia que tinha emprestado áquele trez mil escudos. O sr. Manuel Alves disse tambem á policia que o empregado dos correios e telegrafos tinha feito falsas declarações, a pedido do Carlos Santos, «Aldrabão», que andara arranjando testemunhas de defeza para o criminoso.

Nessa noite o Gomes foi submetido a um longo interrogatorio. Entre lagrimas acabou por pedir aos agentes que fizessem dele o que quizessem. Todos estes elementos, conjugados com a pista dada pelo *Diario de Noticias*, conduziram á descoberta do criminoso.

Ao mesmo tempo que a direcção da Cooperativa de Chauffeurs porfiava, auxiliando a policia, para descobrir o condutor do «taxi», aparecia—ontem á tarde—no Governo Civil, um individuo que procurava o sr. Henrique Alves—um dos agentes encarregados da descoberta dos criminosos.

Lêra o que o *Diario de Noticias* escreveu sobre a nova pista. E, tendo visto que no caso estava envolvido um «chauffeur» pôz esta hipotese:

—Não seria ele um rapaz que ha tempos foi «chauffeur» de Augusto Gomes?

—E' possivel. Mas como se chama esse «chauffeur»?

—Só sei que é João. Mas quem o pode informar melhor é o Lino Ferreira, porque ele tambem foi seu «chauffeur».

Dirigiu-se o agente ao estabelecimento daquele nosso amigo e simpatico homem de teatro.

—O sr. Lino Ferreira não está, nem volta hoje...

—Mas o sr. talvez saiba o nome do «chauffeur» que ele teve. Parece que é o João... Veja lá se se lembra!

O empregado respondeu imediatamente:

—E' João Fernandes.

—E onde pára ele agora?

—Anda nos taxis de «palhinha».

O agente tomou o primeiro «palhinha» que encontrou e preguntou ao «chauffeur»:

—Onde é que eu poderei encontrar agora o seu colega João Fernandes?

—Ele só «pega» no trabalho ás 8 horas da noite. Agora talvez esteja em casa...

—Onde é que ele mora?

—E' na rua do Desterro. Não sei o numero, mas sei ir lá.

—Então, vamos, porque eu preciso falar-lhe.

O João Fernandes, porém, não estava em casa. Mas, quando voltou, foi informado de que tinham lá estado.

O que diz o «chauffeur»

João Fernandes contou-nos detalhadamente a preparação e a execução do revoltante crime:

—Eu fôra, durante dois anos, «chauffeur» do sr. Augusto Gomes. E no dia 30, á tarde, quando eu dormia, apareceu em minha casa a pedir-me para lhe fazer um serviço nessa noite. Respondi-lhe que não podia, porque tinha reunião da direcção. Ele insistiu, dizendo que me demoraria apenas meia hora, e eu acedi.

—Que serviço era?

—Disse-me para estar á meia noite e meia hora perto do teatro Avenida, porque ele viria do teatro Maria Vitoria com uma senhora. E recomendou-me que corresse o resposteiro da frente do carro. Assim fiz. E fiz até mais: corri tambem os resposteiros dos lados.

«A certa altura, afastei-me para ir ao mictorio. E, quando voltei, já encontrei ao pé do automovel o sr. Augusto Gomes, que me disse: «As cortinas dos lados podem ficar levantadas. A da frente é que eu quero corrida.» E depois recomendou me: «Você, assim que me vir saír do Parque Mayer, desce, dá a volta e sobe a Avenida. Quando passar ao pé de mim, acenda o letreiro de «Livre». Mas esconda a cara, porque não convém que a senhora que me acompanha o veja. Depois segue Avenida acima até ao Campo Grande, e Telheiras. Ali lhe direi para onde deve voltar.»

—E você não suspeitou de nada?

—Pensei, de mim para mim: «Mais uma aventura amorosa. O patrão Augusto não tem emenda...». Fiz o que ele me mandou. Entraram os dois no carro. Nem vi a cara dela. Se eu soubesse que era Maria Alves, teria desconfiado de qualquer coisa, tanto mais que sabia que ela morava para Arroios. Mas não. Imaginei que fôsse outra rapariga de teatro, e escondi-me, o mais que pude, não fôsse ela, se me conhecesse, recusar-se a entrar no carro. E, como tinha muita pressa, subi as Avenidas, a toda a velocidade. Ao chegar a Telheiras, o sr. Augusto Gomes bateu nos vidros e preguntou-me: «Onde estamos?». «Perto do Rêgo!». «Então, pára!». Abriu a portinhola e veiu sentar-se ao meu lado.

—Qual era o seu aspecto?

—Vinha como desvairado. Parecia um doido. Mandou-me pôr o carro em marcha, e disse-me: «Fiz o que qualquer homem de honra tinha de fazer! Matei a Maria!» Fiquei horrorisado, e exclamei: «Ai, que o senhor desgraçou-me, e á minha mulher o aos meus filhos!»

—E ele?

Disse-me, alucinado:

—«Ela confessou-me que me atraiçoara no Porto e eu matei-a. Mas tu não dizes nada, hein? Olha que, perdido por um, perdido por dois!» Julguei que ele me mataria tambem, tanto mais que o vi de luvas calçadas, e calculei que isso fosse para prevêr essa necessidade. Ele socegou-me: «Não tenhas receio. Já simulei um roubo, e vamos deixar o corpo ao pé da casa dela. Ninguem desconfiará de nós...»

—E o que fizeram depois?

—Aterrorisado, e por ordem dele, meti ao Arco do Cego, e, na altura da rua Conselheiro Pereira Carrilho, ao principio da estrada de Sacavem, ele voltou a entrar para o carro. Descemos a Almirante Reis, e demos varias voltas. Quando iamos a passar na rua Francisco Foreiro, surgiu um vulto. Pediu-me para seguir. E, a certa altura, depois de mais uma volta, ouvi abrir a portinhola e o baque dum corpo no chão. Não vi nada, porque nem quiz olhar. Estava cheio de pavôr.

«Ele, então, mandou-me seguir para a Rua Luciano Cordeiro. Chegado ao pé de sua casa, pediu-me para eu levar o casaco de peles para a «garage» e escondê-lo sem dizer nada. Recusei-me terminantemente a isso. Ele, então, meteu o casaco debaixo do sobretudo, deu-me cincoenta mil réis para pagar 37, e eu segui para a reunião da Direcção. Estava ali tambem o nosso advogado sr. dr. Berens Freire. Aguardei que a reunião terminasse, e, em seguida, dirigi-me a ele e contei-lhe tudo, pedindo-lhe que me indicasse o que devia fazer.

—E o que lhe aconselhou o dr. Berens?

—Disse-me: «Vai, certamente, provar-se que o crime se praticou num automovel. Hão-de ser chamados os «chauffeurs» e, nessa altura, tu dizes o que sabes. Já não te podem acusar de denunciante.» Em face disso, calei-me. Só Deus sabe o que sofri, durante estes dias!

—O emprezario voltou a procurá-lo?

—Foi a minha casa, dois dias depois. Disse-me que vinha de prestar declarações no Governo Civil, e voltou a intimar-me a não dizer nada. Afirmou mesmo: «Se eu fosse preso, por denuncia tua, alguem se encarregaria de me vingar! O que tens a fazer é negar sempre!» Continuei sempre a trabalhar, Deus sabe com que sacrificio. Lia os jornais ás escondidas. Não queria ouvir falar no crime. Mas nunca disse nada a mais ninguem.

—Até que ontem...

—Até que ontem, quando cheguei a casa a minha mulher disse-me que tinham lá estado á minha procura «dois sujeitos da Cooperativa, um deles de dente de ouro». Como não ha lá nenhum de dente de ouro, suspeitei logo de que fôsse da policia. Dirigi-me, então, á Cooperativa. Eram 9 horas da noite. Ali, disseram-me que o dr. Paiva Lereno os procurára para lhes pedir a sua cooperação na descoberta do *chauffeur* do *taxi*. Contei-lhes, então, tudo, e resolvemos que eu me entregasse ao sr. dr. Lereno. Só ás duas horas da noite o encontrámos á porta de casa, onde o aguardavamos num carro.

—Vieram para o Governo Civil...

—E estive depondo até ás 7 da manhã. Fôram então buscar o sr. Gomes e interrogaram-no durante hora e meia. Negou. Disse que era tudo mentira. Que era uma armadilha dos seus inimigos. Chamaram-me, e, mesmo na minha frente, continuou a negar durante meia hora. Estavam presentes o sr. dr. Lereno, o chefe Murtinheira, o agente Zeferino e dois membros da Direcção da Cooperativa. Eu chorava, e só lhe dizia: «Ninguem tem mais pena de si do que eu, mas o sr. Augusto sabe que eu digo a verdade!» Ao fim de meia hora, pediu para saírem os meus dois colegas. E, numa crise de chôro, confessou. Confessou que a matara, ao saber que ela o havia atraiçoado e o queria abandonar.

—E o casaco e as joias?

—Afirmou que depois de eu o deixar, descera ao Conde Redondo, tomara um *taxi* até a Rua 24 de Julho, onde se apeára, atirando tudo ao mar na Rocha do Conde de Obidos. Não sei se será verdade...

Berens Freire vai ser preso

O advogado Antonio Berens Freire, que desde a primeira hora soube do crime e das circunstancias em que foi cometido, e que não só se recusou a fazer perentorias declarações ontem á policia — depois da descoberta da sua participação no segredo — como aconselhou o criminoso a não se apresentar á policia, vai ser preso, se é que neste momento ainda o não foi.

A's 17 e 30

Em seguida ao interrogatorio desta tarde, ás 17,30, o emprezario Augusto Gomes deu entrada nos quartos particulares do Governo Civil.